

# Um Sherlock Holmes que evita ataques dos piratas informáticos

 [dn.pt/arquivo/2008/um-sherlock-holmes-que-evita-ataques-dos-piratas-informaticos-1136950.html](http://dn.pt/arquivo/2008/um-sherlock-holmes-que-evita-ataques-dos-piratas-informaticos-1136950.html)

5 de dezembro de 2008

**Negócio.** Bancos, Governo e militares são clientes de Bruno Castro

Sherlock Holmes é a personagem de ficção que mais admira, pela sua capacidade de estar sempre um passo à frente dos outros, e ainda pela inteligência e frieza que demonstra em cenários adversos e de desfecho incerto.

Faz sentido, porque pode dizer-se que, à sua maneira, Bruno Castro é um Sherlock Holmes do século XXI - e os hacker que tentam furar as redes informáticas dos seus clientes são o seu professor Moriarty (o inimigo jurado do herói de Conan Doyle).

Subscreva as newsletters **Diário de Notícias** e receba as informações em primeira mão.

A vida tem andado muito depressa para Bruno. Há oito anos era um recém licenciado em engenharia electrotécnica. Hoje, ascendeu a líder da VisionWare, a empresa do Porto que se senta em Bruxelas, ao lado da Siemens, no EOS (o fórum que define os projectos de segurança da UE), e é a guarda costas das redes de dois bancos centrais (Portugal e Cabo Verde), diversas instituições financeiras e das forças armadas.

Desde miúdo que é maluquinho por computadores. A culpa é do pai, um engenheiro químico que montou o data center da Universidade de Coimbra e não sossegou enquanto não teve em casa o primeiro PC da IBM.

A chegada do IBM 1640 tirou da cabeça do Bruno o projecto de se tornar piloto da Força Aérea. Aos 12 anos já programava em Basic e tratava por tu, quer as redes, quer os servidores. "Quando vinha da escola, ia estudar para a sala de computadores do Departamento de Engenharia Química", recorda. Estava para todo o sempre viciado em computadores.

Teve de suar durante duas férias grandes consecutivas a trabalhar na cidade de Viseu, nos laboratórios farmacêuticos do seu avô (Labesfal) para comprar a moto Honda NSR 50 com que sonhava.

Acabado o curso no virar do século, arranjou logo emprego na sua Coimbra natal, na Critical Software, tecnológica que se celebrizou por ser fornecedora da Nasa. Mas continuou a estudar. Ainda hesitou entre seguir a carreira académica ou empresarial. Optou por esta última. Tudo leva a crer que fez bem.

Em cinco anos, assistiu ao estrondoso rebentar da bolha das dotcom, conseguiu dois novos graus académicos, trabalhou em três cidades (Coimbra, Lisboa e Porto) e em quatro empresas (após a Critical, esteve na Whatevernet, Novabase e Quatro), especializando-se na área de segurança de redes.

Em Setembro de 2005, sentiu-se com a bagagem para dar o grande salto em frente e tornar-se empresário. Com mais quatro engenheiros informáticos e o apoio da JVC (do seu tio Joaquim Coimbra), avançou com a fundação da VisionWare.

"Empreendedorismo é uma palavra muito sexy, mas o arranque de um projecto é muito duro. Passamos um ano só a investirem que fizemos tudo e de tudo", recorda Bruno Castro, que nos deu a receita para um start up ser bem sucedido: ter os pés bem assentes na terra; muita coragem; alguma loucura.

Não tardou a chegar a recompensa. Ao fim de um ano a VisionWare já dava lucro. Ao fim de dois já tinham pago tudo quanto deviam. Tem sido tudo sempre a subir: todos os anos duplicam a facturação e triplicam os resultados.

Este sucesso meteórico despertou a cobiça de numerosas empresas, mas Bruno imitou Ulisses, que pediu para o amarrarem ao mastro para não ser enfeitado pelos cânticos das sereias. "Recusei sempre sequer ouvir o preço que ofereciam".

Admitiram tão somente uma excepção. Por razões estratégicas, abriram o capital à Edisoft, do universo Empordef, a holding estatal portuguesa na área da defesa. Na sequência desta aliança, a VisionWare foi "scanada" pelo SIS acabando por ser tornar na primeira empresa em Portugal a ser carimbada pelo Gabinete Nacional de Segurança.

A VisionWare actua em duas vertentes. Como auditora é desafiada pelos clientes e fazer de pirata e furar o seu sistema informático. Já enquanto consultora, monta as defesas que protegem a rede de ataques de verdadeiros Metralhas.

"A segurança absoluta é impossível. Nada é 100% seguro. Nenhuma rede é completamente inexpugnável. Nós diminuámos muito o risco. Mas se quer certezas, o melhor que tem a fazer é desligar o computador da Net e guardá-lo dentro de um cofre. Mas mesmo assim?", remata Bruno.